

EEAER - A FAB que eu servi - Entre a Alvorada e o Silêncio

Genésio Seixas

Admissão na EEAR

O amigo Dimitrie fala sobre a decisão certa tomada numa encruzilhada da vida. Tenho trajetória parecida, mas abordarei minha viagem de maria-fumaça partindo do Interior paulista para chegar a Capital após 16 horas de viagem.

Lendo o resultado da aprovação no Estadão, comprei uma passagem de segunda classe, acomodei-me confortavelmente num banco de madeira (um virado para o outro), sem fronha, num carro de um só sanitário para 60 passageiros, uma pia incrivelmente pequena, um pote de água, sempre seco, com um copo metálico acorrentado para não ser furtado, e lá vamos. *Café-com-pão, café-com-pão, café...*

Um funcionário passava vendendo pratos feitos que eram devorados espetacularmente observados pelos companheiros de viagem dos lados dos bancos e dos assentos da frente. Havia também a opção dos farofeiros que traziam matulas em bornais e, muito à vontade, tiravam as botinas dos pés suados durante a viagem.

Muita fumaça, faíscas muitas e pó com cheiro de ovo cozido com farofa misturado com chulé. Os passageiros mais vip, da primeira classe, usavam guarda-pó – uma bata parecida com a do médico sobre o terno engravatado para diminuir a sujeira e evitar queimaduras das fagulhas que entravam pela janela. Podiam adentrar o carro restaurante. Assim íamos até Araraquara, e de lá o trem não passava porque a bitola era mais larga; esperávamos o “trem de aço”, o primeiro era de madeira. O segundo vinha de Ribeirão Preto, com locomotiva a óleo diesel e não soltava faísca. Aquilo que era ferrovia! Tinha fama por dar até copo de papel para tomar água.

Chegado na Capital, a sequência era parecida com a já narrada pelo Dimitrie, e assim era a luta de um paulista do Interior pela conquista dos três macarrões (3S). Vida espinhosa. Com certeza foi “a necessidade fez o sapo pular”, como diziam nossos avós. São mares bravios fazendo bons marinheiros.

Companhias de Alunos da EEAR – 1956

Fatos inéditos que se dissipam na fumaça do tempo

Com a saída dos formandos da turma 125, em junho de 1956, houve um remanejamento de efetivo em todas as companhias de alunos. Uma nova sistemática se iniciou com o propósito de separação por série. Para minha turma, com início para o segundo semestre/56, foram reservadas dependências para as Sexta, Sétima e Oitava Companhias cujos blocos ficavam separados, no lado norte, do grande pavimento central. No lado oposto ao nosso estava o prédio do Comando.

O isolamento desse reduto do “*bichara*” trouxe-nos a vantagem de aliviar o trote aplicado pelos antigões - sorte nossa. Mais sorte tivemos porque no ano

seguinte tudo voltou como dantes, parece que a inovação das autoridades não foi aprovada. As turmas posteriores entraram no antigo regime ocupando alojamentos mistos. Os veteranos gostaram, principalmente os trotistas em seu deleite. Nossos novos “*bichos*” foram os calouros da Turma dos 500 de feliz companheirismo até o final do curso, daí as tristes separações e despedidas algumas para sempre.

Uma daquelas companhias citadas, salvo engano a Sétima, comandada pelo Tenente X Reis, de Infantaria, em poucos dias se distinguiu em toda a Escola. Os *bichos* foram induzidos e doutrinados pelo oficial de que eram exemplo a serem seguidos. O fardamento do pessoal de serviço e plantões da hora no alojamento era impecável em qualidade e quantidade. Tudo que fora pago pela Intendência devia ser exibido: colete de lona, suspensório, cinto com bornais também de lona, polainas e estojos para cartuchos. As mochilas eram presas com duas tiras em cruz que traziam uma ideia dos cruzados medievais sustentando seu famoso “*in hoc signo vinces*”.

A ordem unida da companhia nas alamedas da Escola era de fazer inveja às outras forças armadas, os alunos principiantes não marcavam a cadência com o tradicional “um-dois, um-dois” mas sim, com todo o pulmão aberto, gritavam “ham-dois! ham-dois!”. O pé esquerdo era batido com toda a força sobre o paralelepípedo e, se algum aluno conseguisse quebrá-lo, teria como recompensa a dispensa da escada de faxina do alojamento.

Onze anos já haviam passados do final de Segunda Guerra, mas o tenente se ressentia do fato de não ter participado – não bebeu “*a água do meu cantil*”, não comeu da “*ração do meu bornal*” nem usou “*a mira do meu fuzil*”. Lamentável.

Provavelmente a partir do momento em que o quase major infante, *Fernão de Noronha*, ou o capitão *Abotoadura* viram um daqueles sentinelas imóveis na porta do alojamento, tal qual um simulacro, surgiu a ordem de relaxamento. X Reis aliviou a carga.

Outro registro é o do amigo cearense de nossa companhia, amicíssimo do pileque, que veio com uma estrofe de um repente por ele criado. Alguns veteranos devem lembrar-se disso uma vez que todos nós fizemos coro:

*“Sou da Sexta Companhia,
mas não sou de putaria;*

Febre Asiática

Novecentos alunos proibidos de praticarem ordem unida, educação física e obrigados a permanecerem em total relaxamento? Parecia incrível o “alunalar” com uniforme cáqui e gravata preta (não existia canícula ou não lhes era permitida) espalhados pelas companhias, cassino e sombras dos flamboiões, mas isso era realidade porque assim impuseram os médicos como medida de precaução para diminuir o surto da febre asiática, que chegou incrementamente na EEAer em meados de 1957. Houve vítimas fatais na cidade.

Jogos permitidos como damas e xadrez nunca foram tão concorridos. Alguns artífices como Ubiratã Índio do Brasil e Oscar *Guaraíno* conseguiram fabricar, em madeira, com canivete todas aquelas peças do jogo. Outros passatempos favoritos: palavras cruzadas, mata-palavra e porrinha (aquele

com três palitinhos para cada jogador). Enfim, havia opções para qualquer nível de inteligência – de Einstein até o Tiririca - até bolinha de gude (biroca).

Lemanski e outros de veia artística improvisaram um teatrinho com seus Ivon Cury, Nelson Gonçalves (Caubi não) e Vicente Celestino. Entre os números cômicos, foi anunciado: - *respeitabilíssimos alunos! Agora um pequeno colega apresentará o maior número da noite*. Foi quando este escriba entrou imponente no palco, fez meia volta para se retirar do tablado, exibindo o cartaz nas costas com um enorme número **999.999**. Nunca fui tão vaiado como naquela noite.

Jeitinho de sempre – O aluno-mula

Na EEAER, as dispensas normais de sábado e domingo não eram suficientes para certos alunos mais “sociáveis” que buscavam a companhia da amiga, namorada, noiva ou similar. Outros tinham que sair para tomar umas doses da “espirituosa”, porém, quem não morava nem estudava em Guará era impedido de se afastar da Escola, à noite.

Na famosa pinguela sobre o ribeirão Pedreira, que dava passagem para o bairro do mesmo nome, foi criado um posto de vigilância para que ninguém se metesse a atravessar.

Contornando o ribeirão pouco abaixo, foi descoberta, certamente por alunos, uma passagem natural, sem barranco, onde quem se atrevesse passar molhar-se-ia até os joelhos ou até a “forquilha”, mais acima. Foi aí que surgiu a figura do *aluno-mula* – companheiro robusto, descalço, de calção azul, capaz de carregar nas costas, para a margem oposta, os fujões enxutíssimos e aptos para seus pretendidos devaneios. A tarifa era na base de cinco pratas por cabeça, independentemente do peso, – muito pouco, mas como diria Guimarães Rosa: - “*na panela de pobre tudo é tempero*”.

O traje paisano era levado num bornal ou bolsa (não havia sacola colorida de mercado), e o uniforme interno ficava alhures numa moita, ou era levado de volta pelo “mula” - dependia do horário que o romântico boêmio retornava à Escola fazendo o itinerário inverso, na volta o aventureiro podia se molhar – saia mais econômico.

Não demorou para que os *pés-de-pombo** mandassem instalar outro posto para acabar com o trem-da-alegria. Aliás, alegria de aluno era assim mesmo: – começava tarde e terminava cedo.

(*) – *Alusão aos oficiais que, no antigo uniforme, usavam roupa cáqui com sapatos marrons.*

O Reforço

Nossa Companhia de Alunos adentrava as dependências do rancho para o almoço com mais outras três por uma das alas de acesso ao refeitório. Os alunos da coluna da frente, quatro a quatro, deixavam a formatura e subiam a rampa para entrada a comando ou gesto do Aluno de Dia (AD). No dispositivo de formação, na alameda defronte aos alojamentos, não valia a antiguidade; na frente ficavam os primeiros que chegavam, atrás do pessoal de serviço – é claro.

Companhia lá em baixo, AD no plano elevado da varanda que, de vez e quando, arriscava uma olhada nas painéis e voltava à Cia com o seguinte bizu: — “ hoje tem melhorado”. Melhorado esse que não passava de uma amostra de estrogonofe, quiçá um ovo estrelado. Advirto aqui que para servir um ovo/aluno a Intendência teria que comprar, no mínimo, 100 dúzias deles. Para variar, noutro dia, o AD, um divertido gozador, (não lembramos se o paulista Vandoil ou o gaúcho Lemanski) espreitou pela fresta da porta e alegrou os companheiros lá de baixo: – Bizu: hoje tem boião reforçado! De fato, naquele almoço quatro militares PA montavam guarda na cozinha, nada mais. Era o reforço.

Dia de Pagamento na EEAer – 1956

– Hoje a instrução militar se encerra já, 15 horas, porque é o dia de pagamento dos alunos, disse o Sgt. Motta Cruz da segunda companhia.

Confesso que nada entendi. Além de receber fardamento: macacão azul, canículas, polainas de lona, cinto de guarnição, coturno com pontuações diferentes, capa de plástico, calça e túnica cáqui, casquetes azul e cáqui, uma japona “peludinha”, café da manhã com duas bananas de reforço, picadinho, mais picadinho e “brochante” beirando o pernoite, contávamos ainda com a tolerância de muitos instrutores, graduados e bons professores, porém, soldo ou vencimento para aluno? Francamente não esperava, mas tudo que vinha era lucro.

Olhando para o descampado à esquerda do prédio do Comando já se viam tabuletas esparsas no gramado, ao ar livre, com os números das companhias de alunos e grupinhos de funcionários orientados pela tesouraria. Um sargento levava uma caixa com envelopes contendo a grana, inclusive com moedas de centavos. O (a) auxiliar entregava o envelope e recolhia nossa assinatura de recibo numa relação nominal.

A alguns passos das bancas pagadoras estavam caprichosamente organizados alguns credores como os alfaiates Cautabiano, Primo, Azas e Luchese, assessorados pelos seus secretariados, que confeccionavam nossas fardas externas – as gabardines ou as baratéias com quepe branco (sentapua). Na esteira desses cobradores de cabeceira alinhavam-se fornecedores de lanches, cigarros e serviços como Da. Cecília, encarregada da cantina, as lavadeiras de roupas com seus caderninhos cheios de números em vez de nomes porque assim lhes ensinaram a prática e a experiência. Num desses cadernos, em cuja capa estava escritos “Bichos”, a lápis, estava meu número 56/434 com as despesas pelas camisas lavadas e passadas no primeiro mês. Num lugar oculto das peças de roupa gravava-se o número do aluno com tinta preta permanente. Dizia nossa amiga que era feito com nódoa de caju ou bananeira.

Não raro, viam-se companheiros milicos engrossando a fila dos recebedores como um veterano mineiro que servia queijo com marmelada para quem dispensava o picadinho do rancho no jantar. Fotógrafos “lambe-lambes”, como este escriba, também reforçavam seu caixa gravando a imagem dos neófitos que mandavam para a mamãe fotos posando na frente do Comando, dos hangares, ao lado dos dois canhões, no rancho ou na nacela de um velho P40 que só servia para isso.

la ficando esquecido... estava entre nós o “seo” Joaquim que fornecia prato feito, no Pedregulho, em sua casa onde também locava armários para os alunos românticos deixarem o 5º uniforme e vestirem seu “paisano” para as aventuras amorosas nas caladas das noites de Guará, Lorena e Aparecida.

Quase não se usava moeda corrente pelos alunos, o cartão bancário de então era o “milhão” que nos identificava – o número em cartolina branca revestida por numa tarjeta de couro curtido, de cor única, tanto para o comandante como para o último “bicho” do Corpo de Alunos.

Fica aqui uma visão retrospectiva de bons momentos da vida na EEaer quando o assunto eram os cobres entrando e saindo de nossos bolsos. Se no final das contas houvesse algum superávit, podia-se depositar na Caixa Econômica mediante aval do capitão tesoureiro.

E esse tempo vai-se distanciando com tendência de nos levar ao esquecimento total; tivemos dias tristes e alegres, mas valeu. Fernando Pessoa devia estar inspirado numa dessas passagens quando escreveu: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

Abraços fabianos - Seixas

Seixas

É uma pena que não haja espaço para comentários nessa página! O texto de nosso amigo Seixas GM é um patrimônio digno de qualquer memorável livro de história! Uma raridade mesmo! Sem dúvidas o Seixas é um cronista de “mão cheia” como se diz no popular! Considerando que fui admitido na EEaer em 1º de março de 1957 devo haver encontrado o Seixas em alguma de suas esquinas! No primeiro semestre fiquei na 11ª Cia. Nos quatro semestres seguintes (pois fiquei “help”) pertenci à famigerada 5ª Cia! Por que famigerada? Rsrtrs! Seria necessário muito espaço para contar as histórias, todas elas!

Aluno 57-206 - Florêncio Manoel - Turma 131 - 23/07/59 - Q AT RA MR

Pensão da Dona Alice em Belém

Naquele 10 de agosto de 58, no C47 – 2038 sob o comando do T Cel Rabelo, nós, 3S novíssimos, embarcávamos do Galeão rumo ao Norte/Nordeste com destino a Vitória, Caravelas, Salvador, Recife (com pernoite), Natal, Fortaleza, Parnaíba, Teresina, São Luiz e Belém. Todas essas localidades receberam uma dose do sangue novo que entrou em circulação pelos brasis afora.

De Belém, uns e outros prosseguiram para Santarém e Manaus no terceiro dia de viagem. Ficamos: o Darcy Tosi - IT, Paiva - ES, Vanderlei Coubassier - MT, Dias, Cabral e eu - FT. Em Val de Cans, nosso procedimento foi o quase padrão: contemplamos os catalinas e tomamos taxi para Pensão da dona Alice, endereço certo para primeira residência como preferiam os classificados no QG1, Serviço de Rotas e Comara. Era uma hospedaria bem localizada na Praça Nazareth, defronte à catedral, com até redes para dormir dotadas de mosquiteiros à prova dos violentos carapanãs.

Outra vantagem da pensão era a comunicação com Dona Alice em linguagem um tanto militarizada. Sabia muito sobre os “bizus” do aumento, dizia que “caía dura” quando se deparava com algo surpreendente, e se perguntasse por Fulano ela respondia: - pegou o “picadinho” e “si mandou”. Às vezes reclamava

que a situação estava meio “*QBU*” porque não entrava “*QSJ*”. Ao servir a refeição obedecia à cortesia militar (ou ao regulamento) colocando o primeiro pedaço de pato-no-tucupi no prato do mais antigo à mesa. Descobriu até que nós recebíamos nossos proventos com *arranchamento* incluído.

Quando chegam esses *novinhos* de Guará, as *muvuca*s fazem *rpm* na frente de minha pensão e não desgrudam do telefone. Desabafava nossa personagem.

Bela imagem a da dona Alice... ou Tia, como preferia ser chamada, que deu à FAB seu filho cujo nome evadiu-se da memória, mas pertencia ao quadro de mecânico QAV (do companheiro Nogueira, autor de *Milicadas I e II*) – Nessa fase eu já havia “*me mandado*” de Belém para São Luiz e Teresina com direito a casamento, etc, etc.

Dona Alice 2 (continuação)

Aqui, uma extensão da crônica anterior já publicada em nossos espaços. De antemão me defendo que se o papo parecer fastidioso a culpa é, em parte, do amigo e preclaro Curvelo que sempre nos faz chacoalhar a memória já cansada. Vamos a ela.

Relembro que o ano foi o de 1958, ano da Copa, quando chegamos à “Pensão dos Sargentos da Basea”, mas nós achávamos mais elegante dizer “Pensão da Dona Alice”. O concorrido telefone de então, ainda com quatro algarismos, era, salvo engano, o 3219. Tão bem localizada a pensão que, nas festas do Sirius de Nazaré, bastava abriremos a janela do quarto da frente e pedir uma cuia de tacacá ou um suco de açaí sem necessidade de sair à praça vestido no pijama (ou sem pijama). As cuscuzeiras das barracas enfileiradas levavam-nos as iguarias em ritmo de ciranda. Diziam as pretendentes dos nossos corações: “Chegou no Pará, parou; bebeu do açaí, ficou”; mas eu não fiquei, depois de cinco anos saí para a EOEIG.

As “levas” de especialistas, que semestralmente chegavam à capital paraense, sempre eram acompanhadas por algum cicerone nato; o nosso guia era o 3S Paiva, bom amazônico da mesma turma 129 - já conhecido da Dona Alice. Mostrava-nos a sede da Comara, Parque, uns velhos ônibus em forma de ovo, o Ver-o-peso, navio Presidente Vargas para Mosqueiro, boate Blue Mum, Hospital e QG1, este na rua do famoso BM. Alguns colegas mais espirituosos, que lá serviam, diziam: “trabalhamos perto de casa”, eu não. Bem alí próximo do Largo da Pólvora ficava o restaurante Acapulco – opção dos milicos escalados de serviço (não arranchados) ou daqueles que comemoravam e “bebemoravam” os finais de semana nas sextas-feiras pós Saudades demais da conta. *Positivo*, dona Alice!

Cumbica

O palco era a região do paiol de munições da Base Aérea de São Paulo; o mês devia ser o de julho porque aquela madrugada estava gelada e

calada. Barulho noturno mesmo só de urutaus, corujas suinaras, caburés, sapos e motor da viatura da ronda a percorrer de, hora em hora, todos os recantos e dependências da unidade. Passava pelas vilas dos oficiais, dos sargentos, horta do japonês, pocilga, hangares dos esquadrões sediados, do serviço de manutenção GSB, da EAOA, do portão principal, da garagem, torre de comando, ruínas ferroviárias da velha Cantareira e de uma reserva de mata atlântica. Ainda não se pensava em dar um peteleco na mãe natureza com a construção circunvizinha do monumental Aeroporto de Guarulhos – estávamos no ano de 1968.

O serviço de ronda era levado muito a sério; não preciso explicar o porquê. O oficial de dia, dois sargentos, todos armados com INA, e motorista. Havia senhas.

Num dos postos de guarnição afastado encontramos o sentinela em sua postura com o mosquetão enquanto os outros dois S2 da escala, de cócoras, alimentavam um foguinho com gravetos e folhas secas. Depois que o “da hora” se apresentou com dificuldade, sugeri que os desocupados fossem dormir na beliche do alojamento do paiol a uns metros dali.

– Ah, tenente, disse o soldado promovendo-me, o companheiro que fica neste posto não quer se expor sozinho, tem medo. Daqueles dois, o que saiu e o que ia assumir o posto, nenhum tem coragem de dormir desacompanhado no alojamento porque os praças antigos diziam que o local era visitado por almas doutro mundo. E se o depósito de munições explodisse? E assim, passavam a noite juntos, acordados, seguros e aquecidos à fumaça. Meu adjunto, em bom *baianês*, concordou com os “engenhosos” recrutas: – *A pois, tá certo.*

No livro do OD, cheguei a sugerir que se escalassem quatro homens, dois a dois, para o serviço daquele posto, mas isso não passou de sugestão de aspirante querendo modificar as coisas da FAB. Como sempre.

Pelo menos o comandante do Pessoal, Maj. Menescau achou cômico e não se preocupou com as almas perambulantes que perturbavam a vigilância.

Destino: - Cáceres / MT

Parecia ser mais uma missão, como de costume, com uma aeronave B-25, do 1/10 G.Av. da Base Aérea de São Paulo, que podia ser de reconhecimento aerofotográfico, transporte de civis ou militares para as fronteiras, de missionários para a FUNAI, missões de resgate, de repreensão ao contrabando ou de assistência humanitária nas regiões desprovidas de qualquer espécie de recurso. Pela madrugada, com o avião preparando para a decolagem, duas freiras a bordo com suas pesadíssimas bagagens não descuidaram das preces pedindo graças e segurança para viagem tranquila; e assim concluiu a Superiora: – *Louvado seja Deus!* O comandante do avião, agarrado com a carta de subida, nada respondeu e o copiloto não interrompeu a comunicação com a torre de controle. Radiotelegrafista, dirigente foto, fotógrafo, mecânico e dois soldados encantados com sua primeira viagem mal

ouviram as palavras pias do texto sagrado. A única resposta sussurrada foi a da segunda missionária: *Deus seja louvado*.

E os motores roncavam - a aeronave ganhava altura com a proa de Cáceres, no Mato Grosso, no decorrer do inverno de 1968, com um nascer do sol que indicava normalidade climática. Só indicava, nada de céu de brigadeiro, porque duas horas após, nas proximidades de Coxim a bruxa os esperava; uma mudança brusca obrigou uma alteração crítica de nível de voo e afastamento da rota ameaçada. As nuvens de cúmulos predominavam toda a área com descargas elétricas e ventos de direções indefinidas. A tripulação inicia procedimentos de alerta, as mensagens telegráficas foram momentaneamente bloqueadas – horror! Agora a ameaça era generalizada, a metálica B-25 parecia derrapar com as asas cortando massas geladas pela direita e pela esquerda. Quando o piloto percebeu que passara pela vertical de Coxim e adentrava o pantanal mato-grossense fez meia volta em desespero. Felizmente viu qualquer coisa parecendo segmento de estrada; era uma pista clandestina não localizada na carta de navegação. Com sacrifício do voo à baixa altura e solavancos perigosos, conseguiu fazer a aproximação e alcançar a pista já lamacenta. Pista curta e irregular, mais finalmente estavam a salvos com pés na terra.

A madre superiora, que implorava a ajuda divina com a uma mão no rosário e outra no livrinho, mudou de página e buscou a oração dedicada à graça recebida e, enquanto os motores silenciavam, e todos suspiravam, ela concluiu:- *Louvado seja Deus!* Naquele momento, diferentemente do que ocorrera na decolagem, todos os tripulantes em bom e alto som responderam em coro a todo o pulmão: – **DEUS SEJA LOUVADO!**

Modéstia de lado, esse registro seria historicamente aplausível se expressasse a realidade, mas é tudo ficcional e trata-se aqui de “coisa de cinema”, literalmente falando. Em resumo, esse é o conteúdo de um dos seriados que uma empresa cinematográfica paulistana apresentou numa programação da antiga Rede Tupi por volta de 1968. O ministro da Aeronáutica permitiu filmagens de vários programas envolvendo as estruturas da Força Aérea Brasileira, aviões, helicópteros, viaturas caracterizadas e armamento não municiado. O efetivo ficava sediado em Cumbica com a denominação fictícia de “Esquadrão Águias de Fogo” – uma “Unidade Aérea” que “voava” mais em terra que no ar. Filmavam por dentro de um avião pousado com paraquedistas saltando pela porta caindo sobre pilhas de colchões ocultos à câmera. Era possível manter o trem de pouso do B-25 a meio caminho sem travar para simular pane de voo. Os sopapos que a aeronave enfrentava sobre Coxim era apenas movimentos bruscos das filmadoras, os bombeiros dirigiam jatos de água simulando temporais. O ilusionismo e o comentário empregados podem ser melhor conhecidos em: <http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/series/series-brasil/canal-brasil-estreia-aquias-de-fogo/>

Foi gratificante o convívio com os “militares colegas” do cinema. Usavam nosso efetivo militar e sala de reuniões como pano de fundo do cenário cinematográfico. Nas fotos do site acima, durante as filmagens, vestiam farda semelhante à nossa com e os distintivos, insígnias e divisas em tamanho pouco maior para chamar à atenção. Tivemos a oportunidade para passarmos trote, principalmente em aspirantes recém chegados na Base. O companheiro Cap “Turcão” (apelido) pediu que um aspirante se informasse do “major

aviador” se havia viagem programada para o Nordeste. Nesse caso o “oficial”, adrede preparado, olhava sério para o novato, mandava-o lustrar mais os sapatos, ou escanhoar melhor a barba e voltar com a pergunta. Nunca soubemos o que se passava na mente do aspirante que, a rigor, estranhava a dureza do “superior” com seu modo de expressar e aquelas insígnias fora do padrão.

A exibição dos seriados, por conta da empresa Nestle, prestou-se na divulgação de nossas atividades e despertou na juventude dos anos 60 o interesse para a uma carreira profissional segundo sua vocação. O enredo era sempre baseado em retalhos de fatos típicos e vivenciados no cumprimento de nossa missão. Uma mistura bem dosada de realidade e fantasia.

60º ano do 1º/6º GAV

No apagar da vela que assinala mais um aniversário do 1º Esquadrão do 6º Grupo de Aviação, decolamos sobrevoando seu passado de realizações lembrando os antigos companheiros cuja atuação sempre elevou o nome da Força Aérea com reflexo nos quatro cantos da Pátria.

Por nossas mentes, hoje, repassa o convívio harmônico das tripulações em missões de aerolevante visando a elaboração de cartas geográficas, prospecção, monitoramento da agricultura, construção de vias terrestres, adestramento técnico e profissional do efetivo e missões de reconhecimento de natureza militar.

Os carcarás voando nas alturas cruzavam nossos céus carregando homens e máquinas para o salvamento de vidas nos confins onde só mesmo no avião pairava a esperança de resgate. Quando os satélites artificiais eram ainda testados nos bancos de prova, o 1º/6º Gav. obtinha e fornecia dados para a ciência meteorológica destinados à previsão de tempo. Supria assim as necessidades da Aviação e do Ministério da Agricultura.

Com aeronaves de gerações sucessivas, lembrando nomes de fortalezas medievais, nomes de semideus da mitologia, de bandeirantes ousados e da tecnologia do jato, o Esquadrão revive seu passado de glória, comemora seu presente de dinamismo e vislumbra o porvir de esperança.

Parabéns, carcarás em cujo quadro meu filho, Genésio de Seixas Filho, e eu tivemos o privilégio e a honra de participar – carcarás números 234 e 423, respectivamente.



Aniversário do 1º/6º Gav.

“ – Cumpriste o teu dever.

Fazendo reconhecimento-aerofotogramétrico, acabaste com o empirismo obsoleto dos planejamentos infecundos. Levaste para os órgãos desenvolvimentistas nacionais a riqueza de nossas plagas, as informações indispensáveis à solução dos problemas, o contorno dos nossos rios, a exuberância de nossas matas, a configuração de nosso território, transformando aqueles planejamentos improfícuos em realidade científica.

Sim, a tua missão foi anônima, mas arrancaste do anonimato a grandeza do Brasil.

– Cumpriste o teu dever.

6º Grupo de aviação!

Nós militares de ontem e de hoje, que te serviram e que te servem, te agradecemos neste dia por teres transformado o sonho de criança dos tempos idos em ideal emocionante de homens do presente.

– Cumpriste o teu dever! ” Transcrição do Boletim nº 218, de 20 Nov 68 da Base Aérea do Recife)

A pergunta que não cala é: de quem seria essa redação? Do Maj Av Nobrega, do Ten Foto Waldomiro Kos?

Com a devida vênia podíamos acrescentar, no tocante a política de desenvolvimento e de estratégia, que o aerolevanteamento foi de suma relevância na confecção de mapas e cartas elaborados pelo Serviço Geográfico do Exército Brasileiro.

Desde a época de esplendor do Exército Romano, os militares já se valiam dos croquis de configuração topográfica para alcançarem suas conquistas sobre os bárbaros. A partir de então vieram as cartas temáticas impondo em todos os conflitos beligerantes dos quais temos registro. Estão presentes nos projetos agrícolas, rodoviários, planejamento urbano, hidrográficos e outros como o de aero e hidro navegação.

FORÇA AÉREA BRASILEIRA **12 de junho – Dia do Correio Aéreo**

Nos anos 40, o serviço dos correios no Brasil era prejudicado pela precariedade das estradas de terra e moroso por escassez de veículos apropriados. Nessa abordagem não vamos tomar como exemplo as dificuldades maiores de comunicação postal entre localidades extremas tais como Boa Vista, capital do Rio Branco, até Santana do Livramento, no Sul, ou no sentido cruzado de uma cidade acreana até Recife. Vamos, sim, nos prender a um fato histórico envolvendo nossas duas maiores capitais, Rio de Janeiro e São Paulo – próximas entre si em relação às outras exemplificadas.

Estamos no princípio de 1931, 10 anos antes de criação do Ministério da Aeronáutica, “Ministério do Ar” para uns, e **Força Aérea Brasileira – FAB**, quando a navegação aérea para monomotor, no eixo do rio Paraíba, era dificultada pela topografia das serras encrespadas, nevoeiro, e predominância de fortes ventos. Os militares da aviação do Exército percorreram o trecho de 430 quilômetros acompanhando a Estrada de Ferro Central do Brasil com um galão de tinta branca e uma broxa para escrever as iniciais do nome de cada cidade sobre o telhado da respectiva estação ferroviária: **GUARÁ**, Guaratinguetá, **SJ** (São José dos Campos), **PI** (Pindamonhangaba), **CAÇA** (Caçapava)... Se as condições atmosféricas cooperassem, o piloto navegaria com segurança seguindo o rio Paraíba e os trilhos da Central.

Depois de muita argumentação de cúpula, no dia 12 de junho, os tenentes Cassimiro Montenegro Filho e Nélon Lavanère-Wandrley decolaram num aviãozinho vermelho *Curtiss Fledsling*, do Campo dos Afonsos, e rumaram para nossa Capital com o propósito de entregar simbolicamente a primeira bolsa com correspondência no prédio dos Correios, na Avenida São João, antes das 19 horas – encerramento do expediente da agência.

E lá se foi a dupla de aviadores enfrentando um céu que não de brigadeiro, mesmo porque essa patente, em nossas forças armadas ainda não existia. Pegaram vento de proa durante longo tempo até que leram, lá em baixo, a sílaba única PI de Pindamonhangaba. Estavam atrasados. Quase duas horas após, sobrevoando a Capital com o mínimo de combustível, não viram o campo de Marte; e era tarde. No lusco-fusco, decidiram procurar para aterrissagem de emergência um local de pouco trânsito, o que não foi difícil e localizaram o Jóquei Clube. Daí ao término da missão, vejamos as palavras do escritor Fernando de Moraes em seu Livro “**Montenegro; As aventuras do marechal que fez uma revolução nos céus do Brasil**”, p 35.

“Montenegro e Wanderley saltaram rapidamente de suas cabines e (...) Alguns moradores da vizinhança se aglomeravam na rua, atraídos pelo barulho do avião, e olhavam espantados para a presença inusitada daqueles dois jovens fardados, de luva, óculos na testa e capacetes de couro que chacoalhavam o alambrado, pedindo ajuda (...) Já na rua correram em direção ao primeiro táxi que passava por ali e mandaram tocar para o prédio dos Correios. Só quando o veículo chegou ao Vale do Anhangabaú é que Montenegro e Wanderley descobriram que tinha sido preparada, sim, uma festiva recepção para eles. Uma multidão de milhares de pessoas tomava as imediações do suntuoso edifício dos Correios animada por uma ruidosa

música. Diante da glacial indiferença dos populares à sua chegada, ao pagarem o táxi e pisarem na calçada os dois perceberam que a festa não era para eles. Aquele povaréu estava indo para o Teatro Municipal, a poucas dezenas de metros, onde o general Isidoro Dias Lopes, líder da revolução de 1924, estava sendo homenageado pelo seu natalício”. Porém, minutos antes das 19 horas noras, a mala postal foi entregue ao destino. Dentro havia duas cartas apenas!

Foi assim que, por força de um ideal cívico, no Brasil criou-se o Correio Aéreo Militar – CAM que, na década seguinte, passou a se chamar Correio Aéreo Nacional – CAN. É reconhecido como fator de integração nacional. Ligou, por aerovias, todas as capitais brasileiras, cidades interioranas da Amazônia e recantos desprovidos de assistência social. Levou recursos médicos, trouxe moribundos, salvou vidas. Seu desempenho no Território Nacional é o foco de outro comentário elevando o nome da Força Aérea Brasileira – as asas do Brasil.

Golpe, ou contragolpe militar?

- Adendo sobre a Revolução de 64 -

Na graduação de segundo sargento da Força Aérea Brasileira – FAB, estive destacado em São Luís durante nos anos de 1963 e seguinte. Frequentava cursinho de reforço para admissão à escola superior de formação de oficiais em Curitiba quando, por mais de uma oportunidade, os colegas e eu com esse propósito de prestar exames recebemos convites provocadores como: - *“Passe para o nosso lado, deixe essa vida de opressão! – melhor dar ordens do que cumpri-las”*. Tudo levava a crer que o Presidente da República, Sr. João Goulart, estava conivente dando esperança de promoção através desse *caminho mais curto*.

Donde vinha essa panfletagem? De elementos das próprias corporações militares que atuavam nos movimentos conhecidos como *Revolta dos Sargentos, Revolta dos Marinheiros e Fuzileiros Navais*. Nos quartéis, companheiros sondavam companheiros. *No Comício da Central do Brasil*, à frente de uma multidão exaltada de 300 mil pessoas, Jango posava nas fotos e discursava no famoso 13 de março de 1964. Outra manifestação ocorreu no Automóvel Clube do Rio de Janeiro acenando que as águas estavam cada vez mais tempestuosas e turvas. Por outro lado tivemos, em várias capitais, a *Marcha da Família com Deus* – um clamor de alerta da sociedade que pressentia uma anarquia generalizada.

A cobertura jornalística sobre o caos reinante, que ganhava proporções, ocupou páginas da revista *O Cruzeiro* e dos maiores jornais brasileiros abordando a situação caótica de então. Para tanta instabilidade da ordem social e política, pós renúncia de Jânio (1961), em muito contribuíram as forças externas do Comunismo Internacional cuja pretensão em ampliar o domínio da União Soviética e o ganho para o Partido, no Brasil e no planeta, era patente e vinha de longe. O cérebro de toda articulação soviética, instalado em Moscou, era o Kominter (sigla em alemão de Internacional Comunista), que

se tornou transparente graças às pesquisas do jornalista paulistano William Waack em seu livro *Camaradas* com volumosa documentação liberadas com o fim da URSS em 1991.

Em 1935, a organização financiou, em parte, a deflagração da Intentona Comunista em Natal / RN, sendo mal articulada, mal conduzida e arrasada numa segunda investida no Rio de Janeiro. Seus titãs opressores, sedentos pelo poder, desinformados, não tiveram sorte em nosso país, contudo não desistiram mesmo com a desativação do Kominter por ato de Joseph Stalin. Tal ocorreu no ano de 1943 ao sentir, o premiê soviético, obrigado a “agradar” os aliados ocidentais diante o acosso de Adolph Hitler.

Nos anos 60, malgrado a extinção da grande organização internacional, a União Soviética aproveita da situação conturbada com nossa democracia fragilizada; haja vista que um presidente renunciou ao cargo supremo traíndo o país com pretensão de um golpe de Estado. Foi mal-sucedido, e o vice-presidente, amorfo e inerte, de tendências sindicalistas, assumiu o governo mantendo um estreito relacionamento com o premiê Nikita Kruchtchev. Entre ambos havia uma troca de gentileza então vista como preocupação nacional. *Paparazzos* não deixaram de fotografar a doação de um mimo do primeiro-ministro ao nosso presidente – uma cadelinha da raça Laika, filha daquela celebrizada como primeira *cadela astronauta* a bordo do satélite Sputnik II, lançado em 1957, Foi sacrificada em órbita como cobaia em nome da ciência.

Deixemos de vasculhar o império vermelho e não importemos com os avanços russos sobre Cuba que redundaram na queda de Fulgêncio Batista em 1959. Preferimos dar continuidade à narração do militar que servia na capital maranhense. Vejamos mais o que tem a dizer, na primeira pessoa do singular, sobre as tentações e conseqüências daqueles anos: – *“Quando falei em convivência de Jango embasei-me numa lei sancionada de mão beijada para nós, graduados das Forças Armada, que pretendíamos cursar escolas superiores, beneficiando-nos com a dispensa, junto ao Ministério da Educação, da apresentação do certificado de conclusão do curso científico – ‘presente’ esse que deixou estarrecido até o meio estudantil do nível médio e professores.*

Entre outras ‘benesses’ absurdas, era comentada uma possível subversão na ordem hierárquica entre graduação (de praças) e patentes (de oficiais). Na indecorosa proposta, os primeiros passariam para a posição dos últimos. Ora, para nós esse presente de grego não se tratava de um só cavalo de Tróia, mas sim de uma cavalaria. E adeus democracia. Não fosse a reação popular e militar, o golpe janguista, na minha opinião, teria ocorrido já em abril. O presidente, no papel simultâneo de títere e de raposa, arriscava suas fichas na cartada de mudar as estruturas sociais de qualquer forma, e as forças armadas se viram obrigadas a agir em cima da hora.

Nunca tive a curiosidade de guardar um daqueles papéis testemunhos no arquivo com meus alfarrábios para atuais comprovações, e aqueles que o fizeram, quando descobertos, pagaram caro sendo sindicados, à luz do Regulamento, pelo porte de ‘literatura nociva à Segurança Nacional’. Uns eram apenas ‘inocentes úteis’; ingênuos. Despedi-me de alguns desses colegas coevos, banidos pelo primeiro Ato Institucional de 1964, mas quando passei para a reserva, os sortudos anistiados foram considerados promovidos com patente mais alta, recebendo indenização e reajuste de proventos sem ter prestado qualquer serviço à Força. Nessa arca de comoção nacional, de

revanchismo embarcaram os Jesuíno, os Zé Dirceu, os Cony, os Ziraldo, os Jaguar e até umas ex-guerrilheiras que pleiteavam polpudas vantagens milionárias alegando torturas sem prova de corpo de delito.

O erário foi escancarado para as indenizações, cujo teto ultrapassou os 2,6 bilhões de reais sob aplausos dos marxistas, que nunca leram Karl Mark, assim como existem eleitores maranhenses que nunca leram 'Honoráveis Bandidos', do paulista Palmério Rocha. Ainda vejo com muita tristeza o 'oh! mia patria si bella e perduta', de Verdi.

É verdadeira a afirmação de que muitos dos indenizados passaram em prisão (é inconcebível revolução sem cárcere) poucos dias tendo em vista o muito que receberam e recebem. Alguns optaram pela prática do terrorismo pouquíssimo lembrado pela mídia. Sou testemunha ocular do sofrimento durante seis meses do tenente Mateus Levino com uma bala alojada na cabeça, assaltado na praia Boa Viagem, em Recife. Fui ao velório e sepultamento do soldado Kosel, vítima da perua carregada de explosivo direcionada ao quartel de São Paulo; entre os militares da guarda nem havia graduados, e todos inocentes. Conheci viúva e filhas do sargento morto num jeep com tiros na nuca, em Salvador. São fatos que os atuais comentaristas fingem desconhecer. Para eles está tudo bem, na caserna só existem torturadores. 'Eu pensava que os guerrilheiros estavam defendendo uma ideologia, mas estavam fazendo investimento'; esse pensamento não é meu, é de Millor Fernandes. O critério exagerado para cálculos indenizatórios surpreendeu a sociedade contribuinte e até cito uma das vítimas que agiu com moral e muita dignidade, Anita Leocádia, filha de Prestes e Olga Benário, – recusou o montante de 100 mil reais que lhe coube e repassou-o para o Instituto Contra o Câncer.

Meu singelo modo de pensar bate de encontro a certos formadores de opinião, empolgados, que veem só um dos lados da questão como se fosse possível apagar 20 anos da história – é assim que nossos jovens estão aprendendo. Está sendo ensinado que tudo de mal que acontece é sequela do período militar (chavão). Nesses 27 anos conseguintes será que não tivemos entraves como desvios, enriquecimento ilícito, super-ordenados, improbidade, inchaço da máquina administrativa, corrupção, venda de sentenças, venda de votos em todos os níveis, ou será que é a tributação que está muito aquém da despesa orçamentária? Houve avanço significativo no bem estar social? No pós Segunda Guerra, as nações do eixo Roma-Berlin-Tóquio se viram reduzidas a escombros com baixa de 14 milhões de militares mortos e feridos, entretanto, em menos 27 anos duas delas se inseriram entre as maiores potências mundiais. Em vez de seguirmos o exemplo, ficamos a jeremiar.

O interesse que sempre tive pela história deve ser a causa de meu aborrecimento ao saber que as novas gerações ignoram o fato de seu país, durante o período em pauta, passou da 48ª. economia do mundo para 13ª.; a inflação subiu, passou de 92 para 237%; mas no mandato Sarney foi de 237 para 1.198%, em apenas cinco anos!

As escolas não podem esconder da juventude que foram construídos a mais importante ponte, os aeroportos de Guarulhos, Confins e Rio de Janeiro; portos de Tubarão, Septiba e Itaquí, complexo hidrelétrico de Urubupungá (iniciado em 1961), Estreito, Paulo Afonso, mega-usina de Itaipu, então a maior do mundo. As exportações cresceram 18 vezes. Em 1966

criaram-se o FGTS, Estatuto da Terra e o BNH reduzindo o deficit de moradias”.

Hoje, por conta dos gestores mal votados e dos usurpadores da verba pública, num ano morre mais crianças que o total de vítimas de ambos os lados da revolução num confronto de 15 anos. Para quem descreve o período como o pior da história, recomendo a leitura sobre o Colonialismo, Canudos e Escravatura – de infeliz memória.

*Enquanto o general Castelo Branco assumia a Presidência, comandantes de unidades militares, navios e aeronaves bradavam aos subordinados: – ‘aqui ninguém fica sobre o muro, a revolução está consumada, declare-se **contra** ou **a favor!** Assumi a segunda posição embora tenha sido a mais sacrificada, mais fatigante, hoje menos reconhecida e menos remunerada, não me arrependo da decisão tomada por estar coerente com a evidência racional e com o juramento prestado à Bandeira Nacional, em 1956. Lançando uma visão retrospectiva com base nos idos vivenciados tenho que o levante armado dispensa admiradores e detratores porque chegou o momento de melhor gerir nosso destino escolhendo democraticamente quem o faça. É hora de somar forças militares e civis para um Brasil acima de tudo”.*

“Vive a Nação dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente de vinculações políticas, simpatias ou opinião sobre problemas isolados, para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem.

Graças à decisão e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes a seus chefes demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se do Governo irresponsável, que insistia em arrastá-lo para rumos contrários à sua vocação e tradições”.

- Editorial de O Globo, 2-4-64

O Esquadrão Carcará vindo do alto

Fornecer aerofotos com padrões técnicos para a elaboração de cartas e projetos de desenvolvimento; revelar as ondulações topográficas, as riquezas de nossa biodiversidade, nossos potenciais energéticos e exibir as configurações geográficas foram os objetivos das nobres missões do 1/6 G.Av inserido no contexto nacional. Da alta atmosfera coletou registros meteorológicos com destinação à Ciência. Nos idos pré-sensoreamento realizou reconhecimento foto de natureza militar. Desmascarou os esconderijos dissimulados dos fariseus nacionalistas, que tentaram desestruturar nossas tradições democráticas, no limiar dos anos 60. Ajudou a salvar vidas humanas; localizou aeronaves avariadas com sobreviventes desesperados.

São demais da conta os motivos de orgulho da família carcará em sua trajetória retilínea do dever cumprido. Louvável é o gesto dos comandantes que mantêm acesa essa tocha que representa nossa alma em vibração na ocorrência dos natalícios do Esquadrão. Parabéns aos organizadores desse importante evento, e permitam-me plagiar aqui o escritor mineiro Guimarães Rosa: “Retoco minha lembrança como se estivesse no antigamente”. Com muita satisfação servi nessa Unidade entre 1969 e 1975 e, anos após, vi o

nome de meu filho indicado a fazer parte do efetivo pessoal ao qual orgulhosamente pertencemos.

Saudações carcareanas

Ao guerreiro foto Gilson Neves

Alusivo ao memorável segundo encontro da Família Fotofabiana (fff)

Seu sistema de apresentação do slideshow está tão prático que responde a toda minha curiosidade de saber como estaria fulano, quem compareceu, quantos estavam presentes, se o Malheiros acertou dessa vez a navegação, etc. etc. É um sentimento de satisfação pelo encontro e estreitamento dos laços afetivos do companheirismo, amizade e camaradagem que nos irmanam.

Na formatação elaborada foram até dados “nomes aos bois” (aquele nome que aparece sobre a imagem do milico na foto) - criatividade essa bem inteligente uma vez que o tempo tende a remodelar nossas feições tornando-nos desconhecidos depois de tantas primaveras vividas. Os anos incrementos enrugam o rosto, branquejam os cabelos e, de uns e outros, até arrancam-nos. A apresentação de imagens é serviço de profissional detalhista – o espeto da casa do ferreiro, nesse caso, é realmente de ferro.

Vendo a sequência das fotos, numa reflexão mais profunda e nostálgica, recordam-se os primórdios desses irmãos de berço ingressando na Escola com suas traquinagens; revive-se a disputa salutar do aluno pela melhor nota, a escolha de especialidade e a primeira etapa vencida com o final do curso. Relembra-se a chegada à nova unidade de destino, o primeiro chefe e seus exemplos, o companheiro do lado e sua amizade e o auxiliar colaborador. Os instrutores e os alunos. Hoje, tudo passa de relance pela memória vendo essas fisionomias descontraídas e satisfeitas pelo prazer do encontro presente e pelo dever cumprido no pretérito. Esses bravos, revestidos de valores humanos e patrióticos, que se prontificaram a debelar o perigo iminente das hordas antidemocráticas desviarem a direção da Pátria dos verdadeiros objetivos nacionais. Dentro e fora da especialidade participamos indiretamente concorrendo para que nossa forma de governo tradicionalmente democrática e republicana não tomasse outros rumos. Muitos de nós tivemos a oportunidade de fotografar com aviões titânicos a cara e o corpo de um Brasil inteiro fornecendo imagens de qualidade para a pesquisa, desenvolvimento e Segurança Nacional. A fotografia contribuiu sobremaneira para a descoberta de minérios, jazidas auríferas, pre-sal, pragas cafeeiras e potenciais hidráulicos. Debruçados sobre estereoscópios, quando ainda não dispúnhamos de satélites sensores, técnicos executavam projetos de engenharia e rasgavam vias de acesso para integração do Território. Militares descobriam, em Xambioá, Marabá, Andorinhas e Jacupiranga trilhas clandestinas, atividades e esconderijos dos fariseus da democracia – flagelos de infeliz memória dos quais alguns, paradoxalmente, se tornaram candidatos políticos. E se elegeram até. Como se sabe, há pormenores que a história ainda não se dispôs passar a limpo.

Bem, para o próximo evento prometo ser menos sarcástico e abordar a princípio os fatos pitorescos e agradáveis condizente com o objetivo de confraternização da FFF. Temos carência de registros históricos; nosso passado biográfico não pode ficar na penumbra da história da Fotografia da Força Aérea. Nos encontros, nada como um abraço; como ouvir o tagarelar amigo, como reviver o passado alegre, saborear o assado regado a vinho e tirar um bocado de fotos. Tive a honra de participar pessoalmente em 2009 quando *“retoquei minha lembrança, como se estivesse no antigamente”*, palavras do Guimarães Rosa. Esse será o propósito do “terceiro encontro” a ser realizado sob a mesma direção. Espero... Quem o mandou você, companheiro Gilson, ser proficiente?

ENTRE O CÉU E A TERRA

Cinco horas de apreensão

1 – missão militar

Numa das tardes calorentas do Rio de Janeiro, decolamos com destino a Recife num avião quadrimotor, Hércules C-130, da Força Aérea Brasileira, após o encerramento de uma missão de reconhecimento aerofotográfico.

As missões tinham por finalidade a cobertura fotográfica de extensas áreas a serem mapeadas sobre as quais se efetuavam vôos em faixas paralelas e equidistantes com aeronave e equipamentos mais avançados da década de 70. A sede do esquadrão operacional era Recife; estávamos, portanto, em deslocamento de regresso. Em média, a duração dessas missões variava em torno de uma semana.

2 – pane de pouso

Em vôo direto, a viagem ocorreu dentro da normalidade habitual, a 18 mil pés de altura, equivalente a seis mil metros, baixando nas cercanias do aeroporto dos Guararapes, baixando mais, recebendo orientação da torre de controle, fazendo o procedimento padrão de descida, chegando a mil pés, alinhando-se com a pista, nivelando, tocando de leve no solo e, de repente, um espanto geral com um apagão instantâneo – um baque inesperado como se retorcessem as estruturas do trem de pouso danificando o dispositivo do sistema de trava. Era 23 horas e 15 minutos.

Caso o piloto persistisse na seqüência de pouso, certamente aconteceria uma fatalidade porque o atrito da ferragem com o concreto geraria centelhas e, do faiscamento, viria a inevitável explosão mas, no reflexo, foi puxado o manche para a arremetida de imediato. Arremeter, em aviação, é o ato de abandonar os procedimentos finais de pouso para manter o vôo, como se tivesse de novo decolando, foi o que fez, em tempo hábil, o major Dalton com a aeronave a toda potência, ligeiramente desnivelada, com apenas meio comprimento de pista para despregar-se do solo. Lá foi ela com suas 40 toneladas de peso sustentada pelas leves brisas que acariciavam as águas do Atlântico no litoral nordestino. O altímetro preguiçoso indicou, afinal, o nível de

2.000 pés, dando-nos uma sensação de maior segurança e oportunidade para avaliar a causa de susto.

3 – providências:

A torre de controle, que acompanhava *pari passu* a emergência, informou o novo teto de permanência para o Hércules avariado, e iniciou-se, com diálogo terra/ar, a seqüência de ações típicas para situações dessa natureza.

Foi considerada a quantidade de combustível existente nos tanques – 13.000 litros de querosene – que daria para voar durante mais cinco horas, já que o consumo em vôo cruzeiro é da ordem de 2.600 litros por hora. Com essa autonomia poderiam retornar ao Rio de Janeiro onde o pouso representaria menor risco, visto contar o aeroporto do Galeão com sistema de espalhamento de espuma sobre o leito da pista de concreto, a fim de diminuir o perigo de centelhamento por atrito, se fosse necessário um pouso de “barriga”.

O coronel Joaquim Dário de Oliveira, comandante do esquadrão, avisado na residência, apressou-se em assumir pessoalmente a posição do técnico controlador da torre e, em consenso com o Controle do Galeão, com o Oficial de Operações da unidade aérea, com o comandante e mecânico do avião, optou em permanecer sobrevoando a região de Recife. A inexistência do dispositivo de espuma, para evitar faísca, estava sendo compensada pela chuva fina e contínua que, no momento, caía sobre a capital pernambucana.

A partir de então o centro meteorológico passou a analisar os boletins de previsão do tempo a cada 10 minutos, sendo que normalmente, naquela época, isso era feito de meia em meia hora. O vôo seria mantido até que a reserva de combustível ficasse reduzida a 500 litros para reduzir o peso, algo em torno de 12 toneladas, e minimizar os perigos de um possível insucesso na aterrissagem. Foi assim que ficamos condenados à lenta agonia vendo os instrumentos de bordo indicando, vagarosamente, os valores decrescentes da reserva do querosene nos tanques.

O comandante do avião, major Dalton, recém-chegado no esquadrão, cedeu sua posição de 1º piloto ao capitão José Luiz Coelho, em viagem a bordo como passageiro, que aguardava o desligamento e transferência para outra Unidade Aérea em Porto Alegre. Este oficial, antigo instrutor, serviu por longos anos e acumulou toda a experiência necessária naquele tipo de aeronave;

4 – atitude de emergência

Além de uma coleção de cartas aeronáuticas havia, no quadrimotor, 4 volumosos encadernados de ordens técnicas, orientação para sobrevivência na selva e no mar, manuais diversos e três almanaques de efemérides para navegação astronômica, uma biblioteca enfim.

O suboficial Shobiner, mecânico chefe, recorreu às instruções técnicas, traduzindo-as e seguindo todos os passos previstos. Sob o piso, num invólucro de madeira apropriado, encontraram adaptadores, ganchos e correntes, tudo como constava do manual, para a fixação da barra da trava danificada. O risco do pouso seria tanto menor quanto maior fosse a habilidade do piloto. O peso do avião também deveria ser reduzido ao mínimo possível.

Às 4:30 horas da madrugada, foi transmitida a seguinte mensagem:
– Torre de comando, **atingido nível de reserva do combustível. . . pronto para procedimento de descida.** FAB 2460.

Por convenção, um toque curto de sirene era o alarme de que *havia uma emergência a bordo*; este sinal já havia sido soado logo da primeira tentativa de pouso. Agora esperávamos os 2 toques – ordem para proteger a cabeça com almofada de assento, se houver, juntar os cotovelos à frente do rosto, fixar-se no banco com o cinto travado e preparar para o impacto.

Pelo alto-falante foi dada a última ordem: – o avião será freado no meio da pista, depois de paralisado, no apagar das luzes e abrir das portas, tripulantes e passageiros desembarcar-se-ão afastando-se do local imediatamente. O terceiro toque de alarme seria um toque contínuo que significava alerta total. Os militares portam uma plaqueta metálica com RG, tipo sanguíneo e religião, que, nesse momento, é introduzida na boca para identificação *post-mortem*, se for o caso de desfiguração de corpos;

5 – no Hospital da Aeronáutica.

O fichário estava atualizado com as 18 folhas informativas individuais com dados pessoais, tipo sanguíneo, religião, etc. Dezoito era o número de militares: dez tripulantes e oito passageiros.

Para disponibilizar uma enfermaria com 18 leitos surgiu um pequeno impasse: – uma mãe não admitia que o enfermeiro tirasse dali o berço com o filho recém-nascido; não permitia que tocassem no frasco de soro. Frente à alteração, o médico diretor interveio e teve que usar a força para impor o propósito da evacuação. O instinto materno foi obrigado a curvar-se, porque a mãe, no período de resguardo, não convinha descobrir que um dos usuários do leito em disputa, poderia ser o próprio esposo, o Capitão Coelho;

6 – pouso da águia manca.

De cima, via-se a pista para o livre pouso, molhada como se chorasse, observada pelo olhar tento do pessoal de Segurança de Vôo e pelos jornalistas pernambucanos. Paralelo com a faixa de pouso, a pista de rolamento toda tomada pelo comboio, destacando a condução *follow-me*, do Oficial de Operações, à frente e seguida pelos carros contra-incêndio, pelas ambulâncias e pelos resgates. Trem de pouso baixado com uma roda travada e o suporte da outra amarrado e, por dentro um trambolho de ganchos e correntes.

No altímetro, 50, 40 pés e, no ar, um som agudo e contínuo da sirene dizendo que a situação era de **alerta total**, apesar de todos saberem disso muito bem; e com esse intrigante *apito de chamar anjos*, os pneus tocaram no asfalto encharcado. Algumas centenas de metros em rolamento, sistema de reversão dos motores acionado, uma asa mais baixa que a outra e paralisação total das turbinas no meio da pista. Luzes apagadas, portas abertas, passageiros e tripulantes fora, e por último, sob aplausos, desembarca o Capitão Luiz Coelho, responsável em grande parte pelo êxito obtido. Foi a perícia, o preparo da tripulação e a vontade de viver que evitaram o pior. Aqueles 18 leitos hospitalares, dessa vez, não foram usados. G M Seixas

No QG da Primeira Zona Aérea

Na estréia de Jânio Quadros, como Presidente da República, o brigadeiro “*Boi Cansado*”, assim apelidado pelos mais satíricos, comandava a 1ª. Zona Aérea. Um suboficial antigo devia ser o encarregado da relação de passageiros do Correio Aéreo Nacional – CAN e o Cb Natalino (nome fictício), no rabo da hierarquia, cuidava da divulgação e exposição dos nomes relacionados para viajarem nas vagas não preenchidas pelo pessoal de serviço, enfermos sem recurso financeiro, militares em férias, apadrinhados e assemelhados.

Não se pode falar no Correio Aéreo, resumindo de apenas duas linhas, quando lembramos seu papel de integração nacional capaz de aproximar brasileiros, em pessoa, dos confins de regiões afastadas numa época que nem as ondas de rádio iam tão longe. A imagem televisionada só apareceu muito depois. Até lá o avião era o meio de comunicação e aproximação dos extremos. Os velhos C-47 e Catalinas (patas chocas) eram a última esperança para índios e caboclos amazônicos abandonados pela sorte, doentes, picados por serpentes ou vitimados pela malária. Nos hospitais da capital paraense era rotineira a chegada de pacientes desesperados trazidos do céu pelas asas redentoras da FAB – às vezes em forma de corpos mutilados ou de partos complicados fora do alcance das curas dos pajés. Se fosse hoje, o reconhecimento de tantas pessoas socorridas, por si, calariam a boca dos insensatos fariseus da Democracia que insistem em atentar contra o brio das Forças Armadas.

Voltando ao primeiro parágrafo, segue a descrição do palco onde desenrolou a cena: o antigo prédio do QG da Zona Aérea com dois andares, voltado para a Praça da República (Largo da Pólvora), circundada por mangueiras que não tinham mais para onde crescer. Na exuberância da vegetação o imponente Teatro da Paz ficava amuado e escondido. Bem na esquina de baixo, numa casa meio familiar, ficava a COMARA cujo presidente era o Ten-Cel Protázio Lopes de Oliveira. A rua que passava pelo quartel, seguia avante para receber o nome de General Gurjão cortando ao meio outra zona, a da prostituição. Era pela calçada dessa via que as pessoas interessadas em passagens franqueadas verificavam seus nomes da lista afixada na parede do edifício do QG.

Numa tarde, após a chuva das três horas, quando Natalino trancava o vidro do quadro de avisos, uma senhora sortuda leu o nome da filha autorizada a embarcar para o Rio de Janeiro. Tal foi seu contentamento que agradeceu prometendo, para o próximo sábado, retribuir a passagem com uma leitoa (ou seria um peru? Ou uma tartaruga? Não me lembro ao certo). Certo é que na fachada do prédio havia um janelão com parapeito; daqueles onde as donzelas assistiam aos desfiles dos tempos das cavalarias. Por essa janela o coronel Rodopiano, Chefe do Estado Maior da Zona Aérea, espiava um coreto secular no centro da praça, descansando seus olhos depois de ler o calhamaço de correspondências atrasadas dos outros quadrantes e os rádios JJ(urgentes) das unidades subordinadas.

– CêBê! Disse o coronel. – Leve de volta a relação e providencie a substituição do nome dessa moça pelo primeiro da reserva. Foi o balde de água fria no passeio da jovem pela Cidade Maravilhosa e no churrasco do cabo velho.

COMARA

Lá pelos anos 60 a Comara dispunha de um rebocador que navegava pelos quatro cantos da Amazônia. Tinha muito de Marinha: âncora, mastro, bandeiras (barrica, não); até falavam em estibordo e bombordo. Levava tambores e tambores de componentes de asfalto quando os catalinas não aguentavam o tranco.

Um 3S Escrevente, de minha turma, estava lotado nessa hidro-unidade móvel. Aliás, o apelido desse “comandante” era Almirante Paiva.

Num belo dia, a embarcação carregada aportou em Letícia (?) e o 2S Zefirino escalou alguns trabalhadores braçais para o descarregamento dos tambores quando um chefe sindicalista o advertiu de que, por decreto do Jango, só eles poderiam executar essa tarefa, e o preço era tanto por homem/hora.

Fragilizado, o Zeferino retirou-se e dirigiu-se até a Cia de Fronteira, expôs o fato e pediu uma dúzia de homens para o capitão do Ex. que respondeu: - Não, sargento, leva 20!

No cais o Cabo velho pôs os praças em forma, olhou, olhou prá acolá, não viu ninguém para pentelhar e comandou: - Descarregar embarcação!

Obs – dessa máfia janguista, uns saqueiros cadastrados no sindicato em Belém tinham polpudos ordenados, chegavam terceirizar tarefas para trabalhadores em seu lugar; no final da semana repartia o dinheiro – ganhavam sem trabalhar. Bendito foi o 31 de março, amém.

O crepúsculo de uma escola

Caro Nogueira. Suas pesquisas, preparo, contextura de idéias e bagagem cultural, se evidenciam quando você escreve, principalmente *clamando no deserto*, como dizia aquele que perdeu a cabeça devido à formosura da Salomé.

Vamos ao que interessa, tentando responder à mensagem do companheiro Gilson Neves e puxando pela memória do passado da EOEa quando fui instrutor.

Acolá, aos burburinhos, comentavam-se atualidades e passagens dignas de lembrança como a do Maj Bambini de notável dedicação ao CA e compreensão humana, bem conhecida desde nossos tempos de tenente em Cumbica, fotografando com as moribundas B-25. Ten-coronel Peroba, famoso *trotista* da AFA, muito se preocupou com a eficiência do ensino na Divisão da qual ele era o chefe. Até cantava conosco a Canção do Especialista em momentos solenes; coincidentemente, também foi meu contemporâneo na BASP.

Cito com destaque o comandante, Brig José Ruy Alvarez, de saudosa memória, daquela época em que os grandes comandos tinham em mente o fechamento da velha escola. O que fez o comandante? Bateu pé firme, foi de encontro a seus pares e contestou: - “*Se na formação profissional do militar, a Escola deixa a desejar, em vez de extingui-la, mais sensato é reestruturá-la*”. Não acreditávamos nisso porque, segundo Guimarães Rosa,

“nunca se deve gabar a égua antes dela subir o morro”, mas sob essa bandeira do Alvarez muitas coisas se iniciaram.

Máquinas escavadeiras, não sei donde, adentraram os hangares raspando tudo e fazendo poeira; dinheiro, não sei como, apareceu para aquisição de materiais de construção – novas paredes e coberturas forradas, móveis, climatizadores, etc. Mais importante ainda: cursos, estágios, reciclagem, atualização dos instrutores, interação com oficiais da respectiva especialidade de outras organizações. Muitas reuniões demoradas (mas produtivas) no Ensino para ampliação do programa dos cursos para três anos. Discussões infundáveis sobre incremento de valores aplicáveis ao conhecimento especializado; a preocupação com o “*status quo*” do especialista e até palestra sobre etiqueta e boas maneiras com familiares dos alunos. Um mundo diferente!

O aspirante de Aviões não deve sujar as mãos, o Foto não é retratista. Aquele trambolho do SO Farracho (?), do Curso de Armamento, simulando bombardeio de Beecraft sobre alvos móveis aquáticos, deve ser substituído pela tela do monitor. Quanto às sucatas de apoio didático, que se destinem ao Museu da Aeronáutica, ficarão muito bem lá. Um mundo novo do lado de cá! Mais grana para laboratório síntese, projetores, equipamentos de impressão atualizados e até um computador que funcionava com pilhas elétricas de cartões perfurados.

Infantaria não faz parte das especializações, pensava o chefe; o curso deve ser administrado em outra organização de ensino (parece que era consenso na Força). Num mesmo ano, ou anos, saíram aspirantes de Infantaria pela AFA e pela EOEa com currículos diferentes. Socorro! Como se enquadravam na lista de ascendência à promoção? Quem era o mais antigo? E os novos tenentes da AFA vieram estagiar na EOEa lá pelo ano de 1981.

O desafio de revitalização proposto pelo brigadeiro encontrou eco por todo o efetivo da Escola; instrutores e monitores corresponderam na grande investida, mas parece que sempre houve reações de *fantasmas* invisíveis acorrentados à *caverna de Platão*, e de cima para baixo. Uma pena.

Voz do além sempre a conclamar o fechamento da Escola até que o CONGEP determinou que a turma 1983 (confirmar) seria a última a se formar. Foi o esperado golpe de misericórdia; o fim.

Em julho de 1958 o curso chega ao seu final coincidindo com a primeira vitória do Brasil no campeonato mundial de futebol. Comemoramos ambos os acontecimentos. Ficamos livres do Sgt Motta Cruz, mas com o passar do tempo descobrimos que a sensação de liberdade não era maior que saudade de sua “caxiagem”. Não deixou de ser um bom exemplo para os alunos. Nas profundidades da memória outro recanto para ele como para: Pelé, Garrincha, Vavá ...

Recebemos os certificados de conclusão assinados pelo Brig José de Souza Prata, o Zeca, como dizia sua esposa cearense - intimidade essa que acabou sendo vazada do saudoso casal Prata para o conhecimento do “alunara!”. Ave, Zeca!

Despedidas

A última reunião de nossa turma Q-FT, depois de tantas outras formais em salas de aula ou às mesas do rancho, foi no reservado do principal bar da cidade como era habitual entre os formandos. Todos fardados segundo a rigidez do regulamento.

Entre um e outro pileque, dos quais o xerife Márcio Machado entendia com muita mestria, deu tempo para comentar o convívio em harmonia durante toda nossa trajetória em comum. Recordações de muitas passagens embaraçosas ou cômicas. Não foram esquecidos nem mestres, superiores, personagens populares e colegas. Nossos próprios *micos* também não foram perdoados, mas tudo se redundou num ato inesquecível. Assim foi nossa despedida, a última com os oito amigos presentes – quase um adeus.

Uma prova de solidariedade deu-se na escolha das localidades para preenchimento das vagas que nos foram apresentadas. Deixamos de lado o direito de prioridade baseado na classificação pela hierarquia segundo a nota obtida no final do curso. Discutimos as necessidades, os interesses e as proximidades das famílias de maneira a contentar a todos. O companheiro Arnaldo Infante foi classificado em Porto Alegre, Joel Zitelli e Rodolfo Lichi em São Paulo, Heráclito Meireles e Hamilton Barra no Rio, Márcio xerife em Salvador, Walter Mendonça em Recife e este *memorialista* em Belém, na Comissão de Aeroportos da Região Amazônica – COMARA.

Uma vez declarados terceiros sargentos, *pernas prá que vos quero*, o próprio rancho de graduados não dispunha de tantas mesas para o efetivo normal e mais 250 talheres. Deram-nos passagens de primeira classe da ferrovia Central do Brasil para os classificados em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Nordeste e Norte.

Nas ruas da cidade ou na estação ferroviária, muitos dos que partiam recebiam as despedidas dos companheiros classificados em outros recantos. Eram trocados abraços que nem sempre se repetiriam pela vida afora. Refletimos, naquela noite, que o mesmo local já foi cenário de *praça de guerra* exatamente há 26 anos passados, quando os revolucionários paulistas movimentaram o pequeno logradouro com uma banda militar executando o Hino Nacional e a Canção do Soldado Paulista. “*A voz que sobressaía era a feminina*”, escreveu o historiador Roberto do Valle, de São José do Rio Preto, fazendo uma exaltação à mulher paulista que ia despedir-se dos combatentes com bule de café, biscoito, cigarro e uma flor. As guerreiras da enfermagem cuidavam dos feridos e creches para os filhos que ficavam, costuravam o fardamento, recolhiam donativos e as professoras conduziam garotos escolares marchando com uma faixa escrita: *se for preciso, também vamos*. Chegaram pegar em armas, mas já era tarde – nossa *Farroupilha* durou apenas 82 dias.

Há 14 anos, outra cena de despedida – numa composição militar embarcavam os soldados que compuseram a Força Expedicionária, a primeira tropa a cruzar o Atlântico Sul com destino a Nápoles, na Itália.

As reflexões sobre embarques, despedidas e as cenas históricas, projetadas em nossa mente, foram interrompidas quando a locomotiva apitou e começou a puxar a fieira de vagões. Adeus Escola, adeus Guaratinguetá.

O avião C-47, do Correio Aéreo Nacional, decolaria do Galeão descarregando os que foram classificados em Barreira, Ilhéus, Salvador, Maceió e Recife. Pernoitava em Natal e prosseguia para Parnaíba, Teresina,

São Luiz e Belém. Desta última base para os destacamentos de Santarém e Manaus, só quando houvesse vôo dos catalinas que alcançavam Boa Vista ou Rio Branco do Acre.

A turma 129 viveu sua época, hoje está limitada aos anais da Escola com esparsos componentes espalhados pelo país. O xerife foto despediu-se para sempre da vida terrena, três companheiros são: engenheiro, empresário e médico. Quatro são oficiais R1. O resto são saudades e motivo para marejar nossos olhos quando revivemos o passado que se distancia. Cada vez mais...



Na foto antiga, oito formandos da turma. Na segunda, tirada há seis anos, quatro dos remanescentes: (pela esquerda) Hamilto Barra, Seixas, Meireles e Lichy

Atitude de respeito aos símbolos nacionais

Quando se aproxima um final de ano, vem com ele a conclusão do período letivo de nossas escolas, via de regra, com solenidades artísticas e culturais. O ano passado não foi diferente; diretoras e equipes de professoras dedicadas se desdobraram com ensaios e revelação de talentos infantis. Tudo pronto para mais uma apresentação de músicas, danças e teatro. Fui convidado.

No pátio do estabelecimento escolar, anunciado o início das apresentações, quatro crianças marcham até à frente da arquibancada, repleta de convidados, expondo a Bandeira Nacional na posição de destaque para o início da cerimônia.

Nós, convidados, estávamos lá diante do símbolo maior – a representação de tudo que temos e que somos: um passado histórico de glória, dores, erros e acertos; uma atualidade de realizações, boa vontade, oportunidades perdidas e impunidade; um futuro de esperança mesclada com incertezas. No retângulo auriverde, espelham também as imagens do governo e do operário, do mestre e do analfabeto, brasileiros e imigrantes. Combatentes do Império na Bacia do Prata, no século 19, e republicanos no solo da Itália, 80 anos após. Muito sangue derramado em guerras fratricidas. Faz parte contextual ainda o potencial de jazidas dos Carajás, do pré-sal, a biodiversidade das matas, o colosso arquitetônico dos abastados e a miséria dos sem-tetos. Balas perdidas. Contemplávamos então a representação máxima da Pátria amada digna de todo o respeito como aprendi no Grupo Escolar de Jales nos idos de 1945 - vilinha de mil habitantes. Representação simbólica de brasileiros dos pampas até a selva amazônica; dos pantanais até a boa terra da capoeira. Sambistas e candangos; uns gingando no batuque, outros vaquejando nas pradarias, aqueles outros minerando e acolá alguns politicando nos palanques. Cafezais, seringais e a maior exuberância verde do planeta em harmonia a tremular no pavilhão. Futebol consagrado e exportação de craques. E tem mais: – sob o sol da liberdade há ouro demais da conta e um potencial hidrográfico que assanha a cobiça do estrangeiro com suas ONGs bisbilhoteiras. É o Brasil do *mulato isoneiro/terra de samba e pandeiro* de Ari Barroso. Dos *verdes mares bravios* de Alencar. Essa é nossa terra natal! “*Aqui é o meu País*” de Ivan Lins.

Durante o ato cívico, que comecei descrever acima, observei consternado que muitos dos adultos, entre os espectadores, nem se levantaram; sentados estavam, sentados permaneceram. Nem sequer tomaram posição de respeito na introdução e execução do Hino Nacional. Daí, vem meu querer saber do porquê desses compatriotas serem tão insensíveis. Ignorância está descartada porque nos programas de ensino sempre foram e são dadas noções sobre civismo. Tempos atrás, o descaso não chegava a tanto. Será que o método didático da professorinha de 1945 era mais convincente? Ou será uma forma de revolta interior manifestada pelos

indivíduos descrentes quanto aos valores éticos, morais e cívicos em jogo nos dias atuais? Pode ser por acanhamento ou comodidade do convidado?

Seja lá o que for, fica meu repúdio ao desrespeito, e no instante em que me deparar com os símbolos constituídos, que bem conheço desde 1945, aos quais prestei juramento posteriormente em escola militar, estarei pronto a me levantar para o cumprimento de tão nobre formalidade. Sempre o farei com espontaneidade e entusiasmo enquanto tiver força nestas pernas envelhecidas. Mesmo que o País se encontre à deriva, mesmo que uns poucos (?) parlamentares e comparsas escondam dinheiro nas cuecas e presidam seus pares concomitantemente na Assembléia, mesmo que recebam mensalões, que faturem no festival de passagens aéreas, com aquisições de ambulâncias e que deem provas de corrupção filmada (mas “nunca” comprovadas), não terei - como disse Rui Barbosa - *vergonha de ser honesto*. Nesse momento histórico de fragilidade que o Brasil enfrenta, é que se torna sobretudo necessária a força das pernas, dos braços, de nosso todo e nosso respeito. O brasileiro pode reagir condignamente dando exemplo, cobrando, respeitando e votando com a consciência - única atitude louvável para sobrepor à tirania desses corruptos e vendilhões da Pátria.

Moradores combatentes

São Paulo dá ao Brasil o mais belo exemplo de civismo, levantando-se, uno, fremente de amor pátrio, pela constitucionalização imediata do País.

Conscritos e voluntários que participaram em conflitos armados no País e na Europa até o ano de 1945:

a – Nestor Torres – Cabo de esquadra

O soldado Nestor, nascido em 1900, fazia parte da tropa mobilizada para sufocar o levante dos 18 do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro. Ficou aquartelado na histórica fortaleza e combateu nas encostas do morro Cantagalo. Mudou-se para Jales em 1943.

O movimento armado, também conhecido como Revolta Tenentista, teve início no dia cinco de julho de 1922, deflagrado por militares insatisfeitos com as medidas truculentas tomadas pelo presidente Epitácio Pessoa e seu sucessor Artur Bernardes, inclusive com a prisão de forma arbitrária do Marechal Hermes da Fonseca e o fechamento do Clube Militar.

O governo do coronelismo, desempenhado pelos Partidos Republicanos estaduais, orientava-se por princípios obsoletos, redundando numa oligarquia rejeitada pelo povo sofrido, avesso às eleições fraudulentas, com alternância de mineiros e paulistas no poder. Os militares contestavam a vitória eleitoral de Artur Bernardes em favor do candidato derrotado Nilo Pessanha.

Nesse clima de psicossocial abalado, à uma hora da madrugada foi disparado o primeiro tiro de canhão, sinalizando o levante na fortaleza. A ação foi efêmera: no dia seguinte dois encouraçados da Marinha de Guerra

bombardearam inclemente a guarnição. Desesperados, alguns jovens oficiais saem armados para um enfrentamento desigual, quase simbólico, contra as forças federais. Dos 18 exaltados, morreram 16.

Pela caderneta de anotação militar, Nestor Torres pertencia à 10ª Companhia do III Batalhão, 3ª Região de Infantaria da 2ª Brigada (1ª Divisão de Exército). Entre outros, está registrado o seguinte elogio: “A 19/07/922, foi declarado que o Congresso Nacional, em sessão do dia 7, congratulando-se com as forças armadas, que souberam honrar e dignificar suas fardas, a glória e o brio da Bandeira e as aspirações do povo brasileiro, o louvor pela dedicação fiel e inexcusável lealdade com que se colocam de lado das autoridades constituídas em defesa da ordem legal da Constituição da República e da honra da Nação Brasileira...”

Em 1944, exercendo a atividade de carpinteiro, Nestor Torres estabeleceu-se em Jales, à Rua Doze, com uma oficina equipada para a fabricação e conserto de carroças. (Ver capítulo XVI).

b – Geraldo de Almeida - constitucionalista

Trata-se do “vovô do bandolim”, que com 31 anos de idade ingressou nas fileiras paulistas em 1932, insatisfeito com os desmandos de Getúlio Vargas¹.

As obsoletas estruturas da Velha República, com a decadente forma de administração rural, sob a truculência do “coronel fazendeiro”, mais a crise do café, em 1929, e a impopularidade consequente do Partido Republicano Paulista – PRP – deram a Getúlio Vargas condições favoráveis para a tomada do poder no ano de 1930. O governo, porém, foi discriminatório e de exceção, independente da participação popular. Não havia condições de apaziguar o estado de ânimo daqueles que se preocupavam mais seriamente pelo destino da Pátria como um todo. Os paulistas não se conformavam. Além da pesada tributação do café, foi decretada a queima de milhares de toneladas do produto.

A sociedade clamava pela convocação de uma Assembleia Constituinte com o voto secreto. Na época, apenas alguns homens votavam. Mulheres, analfabetos, soldados, menores de 21 anos e pobres, não.

No dia nove de julho a imprensa nacional divulgou o levante com a renúncia de Pedro de Toledo da Interventoria e aclamado como Governador Paulista. O sangue começou a correr no Estado de São Paulo. Seu Geraldo lutou em algumas cidades paulistas contra as forças legalistas, muito superiores em efetivo e armamento. A revolução terminou após 82 dias com a derrota dos paulistas.

“Fica encerrada a campanha militar para restauração do regime legal. Deu São Paulo tudo quanto podia dar ao Brasil. E disso não se arrepende”. a) Pedro de Toledo e Secretariado.

c – Edílio Ridolfo – constitucionalista

Segundo o professor Marcelo Bonetti Agostinho², a revolução paulista contou com enorme apoio da classe média, da alta burguesia e da aristocracia rural. Jales não havia sido fundada, mas alguns daqueles que vieram a ser seus moradores mais tarde, estiveram presentes naquela

revolução. Entre eles, o Dr. Edílio Ridolfo, que serviu no Porto Taboado, nas divisas dos estados de São Paulo e Mato Grosso.

d – Euphly Jalles – Tenente engenheiro

Apresentou-se como voluntário no Batalhão 9 de julho do Regimento de Infantaria de Rio Preto e seguiu como comandante de pelotão com mais 235 revolucionários pela Estrada de Ferro Araraquarense, como registrou o historiador Leonardo Gomes (também constitucionalista): *“E de tal modo agiram esses próceres acelerando, por meio de comícios e distribuições de boletins, a inscrição de voluntários, que já no dia 19 de julho, saíam daqui, com destino às trincheiras da Constituição, 236 rio-pretenses, entre os quais médicos, advogados, engenheiros, jornalistas, professores, fazendeiros, dentistas, contadores, comerciantes, industriais, bancários, empregados no comércio, mecânicos, operários, - representando plenamente as atividades de nossa cidade”*.

O Jornal *A Notícia* estampou: *“São Paulo dá ao Brasil o mais bello exemplo de civismo, levantando-se, uno, fremente de amor pátrio, pela constitucionalização imediata do País”*.

e – Inez Jalles – voluntária

A sociedade participativa doava de tudo. Houve uma remessa de 200 animais de montaria despachados para Campinas por estrada de ferro. Do campo chegavam bois, porcos, aves e cereais. O comércio contribuía com alimento, combustível, ferramenta, munição e medicamento. Havia coleta de moedas e ouro. Para confeccionar as remessas de tecidos doadas, formou-se um grupo das senhoras no Automóvel Clube. Costuravam fardamento além de roupas para os filhos dos soldados que seguiam para as trincheiras. Preparavam pensos e ataduras.

Dona Inez Jalles, mãe do fundador, fazia parte dessa organização. As mulheres desempenharam papel de destaque na Revolução dando incentivo aos combatentes, cozinhando, promovendo desfiles, cuidando da “Casa do Soldado” e, nos últimos dias, chegaram a vestir farda para dirigirem-se às frentes de batalha. Era tarde, os revolucionários chegaram à exaustão e foram derrotados. *“São Paulo foi derrotado mas, nem por isso, o brio de seus soldados foi apagado. Até hoje, quando em contato com sobreviventes do movimento, percebe-se o orgulho em seus olhos por terem defendido São Paulo”*.³

f – Manoel Beserra Sampaio – 2.º Tenente ⁴

Soldado Beserra, conscrito de Caruaru, apresentou-se como voluntário para os treinamentos militares na costa brasileira e embarque para a Itália com a Força Expedicionária Brasileira – FEB. Mudou-se para Jales onde passou os últimos anos de sua vida.

Os expedicionários brasileiros desembarcaram em Nápoles, na Itália, no dia 6 de setembro de 1944 e seguiram para Livorno, passando por Roma. O avanço por terra para Pisa, Fornaci e Monte Castelo foi mais em marcha a pé que em comboios motorizados. Pontes, viadutos, rodovias e

ferrovias estavam seriamente arruinadas pelo bombardeio dos aliados. As colunas dispunham-se em intermináveis filas indianas. Se a tropa concentrasse seria desastroso, facilitando os ataques da aviação alemã. Marchando para Castelnuovo, atravessaram o rio Pó e alcançaram Parma e Turim. Em Susa, a FEB uniu-se com contingentes do Exército Francês. A guerra já estava chegando ao fim.

Enquanto Jales ganhava os foros de Distrito de Paz, as legiões brasileiras da Força Expedicionária cruzavam o solo italiano sob a neve e o rigor do inverno europeu. A temperatura chegou a 14º C. negativos. Quando as linhas de abastecimento por terra ficavam obstruídas, o medicamento e as rações eram lançadas pelos aviões americanos.

Os quatro escalões que desembarcaram na Europa somavam 25.334 homens, com registro de 2.722 feridos e acidentados. Entre presos ou extraviados tivemos 45 soldados. O total de mortos foi de 451 homens. O soldado Beserra pertencia ao 2º Escalão embarcado em outono de 1944.

A Força Aérea Brasileira – FAB – destruiu ou danificou 1.990 viaturas motorizadas, 1085 vagões ferroviários, 105 locomotivas, 76 pontes 46 depósito de combustível e munição e 412 cortes em linhas férreas.

A participação dos brasileiros na guerra foi relevante para a vitória dos Aliados a ponto de merecer do States War Production Board a declaração de que “*sem a produção brasileira de materiais estratégicos e a ponte aérea, os EUA não teriam cumprido suas metas.* (Granham Stuart, Latin America and the USA)”⁵.

O voluntário Beserra Sampaio residiu em Jales durante 15 anos, mostrando-se incompatível com o meio social, vitimado por prováveis sequelas resultantes dos horrores presenciados⁶.

- 1 – Saiba mais lendo: *Rio Preto na Revolução de 32*, de Roberto do Valle. *Gente que ajudou a fazer Rio Preto*, de Leonardo Gomes e *Contribuição para a História da Revolução Constitucionalista de 1932*, do escritor coronel Euclides Figueiredo, pai do presidente João Batista Figueiredo;
- 2 – “Jornal de Jales” – Projeto Memória n.º 17, de junho/1996. Título: *O que Jales tem a ver com a Revolução Constitucionalista de 1932?*
- 3 – Marcelo Boneti Agostinho – encarregado do Museu Histórico de Jales;
- 4 – Chegou em Jales no final de 1970 ignorando os seus direitos como ex-combatente. O funcionário da Delegacia do Serviço Militar de Jales, Ézio Assunção de Lima, constatou a veracidade de seu documento e a confirmação como expedicionário da II Guerra Mundial, certificada pelo Exército. Dedicou-se à causa e abriu o processo reivindicando os devidos proventos. A petição foi atendida, inclusive com ressarcimento retroativo. Entretanto, o militar, desorientado, explorado pelas companheiras, depois abandonado, faleceu solitário e desamparado. Foi sepultado em situação de indigente nesta cidade.
- 5 – Enciclopédia BARSA. 1988. Vol. 8, pg. 413;

6 – Segundo o assento de óbito do Oficial de Registro Civil de Jales, o militar reformado faleceu em 20 de abril de 1994.

